



## É PRECISO DERROTAR A REFORMA DA PREVIDÊNCIA!



**DERROTAR A REFORMA DA  
PREVIDÊNCIA**

**AUMENTO DAS TARIFAS SE  
ESPALHA PELO PAÍS**

**CHACINA DE CAJAZEIRAS: OS  
POBRES COMO VÍTIMAS**

**#METOO: OS DOIS LADOS DE UM  
MESMO EPISÓDIO**

**O DIREITO AO TRANSPORTE  
PÚBLICO**

**O X CONGRESSO DO PARTIDO  
BOLCHEVIQUE**

# DERROTAR A REFORMA DA PREVIDÊNCIA E OS ATAQUES CONTRA A CLASSE TRABALHADORA

**A** crise do sistema capitalista aumenta a cada dia. Em âmbito mundial, sentimos essa intensa crise desde 2008, que vem se aprofundando devido à impossibilidade de resolvê-la dentro dos marcos da sociedade capitalista.

Para recompor a sua taxa de lucro a burguesia, com o capital financeiro a frente, tem aplicado uma política mundial de retirada de direitos e de aumento da exploração. Em todos os países do mundo, inclusive nos países ricos, os trabalhadores pagam pela crise que os patrões e banqueiros criam.

No Brasil, essa política se reflete nas várias medidas aplicadas até agora – como as reformas, leis restringindo ou acabando com direitos e com o aumento da repressão – pelos governos Lula, Dilma e Temer. São as mesmas repostas dadas para essa crise sistêmica que perdura há anos.

Nesse sentido, com o processo de impeachment de Dilma (PT) e a entrada de Temer, as reformas para retirada de direitos e o aumento da exploração aumentaram rapidamente. Essa foi uma das razões do impeachment, pois a forma de gerenciar o Estado não atendia aos interesses do capital na rapidez que a crise exigia e exige.

A crise internacional impõe a necessidade de governos serviais do imperialismo adotarem medidas de retirada de direitos da população – independente de seus partidos. O Estado, como instrumento para dominação de classe, é um dos responsáveis pelo processo de implementação dos ataques contra a classe trabalhadora. E a burguesia, determina quem sai e quem fica como numa troca de gerência de turno, só não muda o seu papel.



Temer (MDB) tem avançado com as reformas (Trabalhista, avanço da Terceirização, do Ensino Médio) e tenta votar a da Previdência. Tem também avançado com a abertura total e entrega do patrimônio público, das riquezas naturais e com os processos de privatizações como da venda da Eletrobrás, da Embraer, de Correios e logo virá também dos bancos públicos como Banco do Brasil. Os governos estaduais têm feito o mesmo. Em São Paulo, Alckmin (PSDB/Opus Dei) está privatizando várias linhas do Metrô, por exemplo.

Nesse processo, esses países buscam reduzir os custos envolvidos para a reprodução do capital e também uma melhor localização para a competição no mercado mundial. Para exportar precisam reduzir ao máximo os custos com a força de trabalho. Segue nesse o sentido a intervenção do Estado para mudar a legislação trabalhista, retirar obstáculos de controle/eliminação do trabalho escravo, financiamento do plantio para as grandes empresas do

agronegócio, controle das taxas de câmbio, entre outras tantas.

## TRABALHADORES E ESTUDANTES PAGAM PELA CRISE

Em 2017, segundo dados oficiais, o Brasil registrou a menor taxa de inflação desde 1999. Mas, os aumentos de preços das passagens, dos mantimentos, do botijão de gás, do gás encanado, da energia elétrica, da água e esgoto, da gasolina, dentre outros foram abusivos e toda a classe trabalhadora sabe disso.

Por outro lado, em 2018, o aumento do salário mínimo foi o menor em 24 anos (1,81%) desde a criação do Plano Real em 1994 e, inclusive, menor que o índice da inflação de 2017 (2,95%). Passou de R\$ 937,00 para R\$ 954,00, um “aumento” irrisório de míseros 17 reais. É tão pouco que em muitas cidades só o aumento da tarifa de transporte coletivo irá consumir esses 17 reais.

Vale ressaltar que, segundo o IBGE, mais da metade da população brasileira vive com

MENOS de um salário mínimo (Veja no site do Espaço Socialista o texto: Brasil: “um país de poucos com muito e também de muitos com pouco”), isto é, são considerados pobres os 52 milhões de pessoas que vivem com até R\$ 387,00 por mês. E, quem ganha acima desse valor, por incrível que pareça, não é considerado pobre.

Podemos notar isso com a quantidade de pessoas, inclusive idosos e crianças, pedindo esmolas ou vendendo mercadorias nos transportes coletivos como forma de conseguir o mínimo para sobreviver, dentro de um contexto com alto índice de desemprego.

Também são milhões de desempregados, isso segundo os dados oficiais do IBGE, que não incluem a totalidade dos desempregados, pois quem já desistiu de procurar emprego não é considerado desempregado. Ou seja, esse número é muito maior. Sem falar dos empregos precarizados que têm crescido muito após a aprovação da Reforma Trabalhista.

Quando observamos de forma localizada, percebemos como alguns setores da classe trabalhadora sofrem mais. Entre os jovens, por exemplo, 30% estão desempregados. A maioria das demissões tem sido de mulheres e de pessoas negras. E os reajustes salariais, de uma forma geral, quando ocorrerem são baixíssimos, muitos nem repondo a inflação.

E do lado da burguesia, nunca a riqueza esteve concentrada nas mãos de tão poucas pessoas. No Brasil, apenas 5 pessoas têm o mesmo que a metade mais pobre da população.

### **OFENSIVA DO GOVERNO PARA VOTAR REFORMA**

Temer, Meirelles e sua corja querem votar a Reforma da Previdência ainda neste mês de fevereiro. Para isso, têm utilizado

todas as formas de pressão: propaganda mentirosa nos meios de comunicação, negociação por cargos, liberação de verbas para os deputados e a última foi entregar uma lista de 90 deputados indecisos para os lobistas do mercado financeiro pressioná-los.

Outra frente de batalha é a propaganda feita diretamente por Temer. Negociou apoio de emissoras de televisão, foi aos programas do Silvio Santos e do Ratinho, para tentar atrair a chamada “classe C”, deu entrevistas em outros canais e tem conversado diretamente com os deputados. Sempre vendendo o argumento mentiroso do déficit/rombo (que não existe, como já foi comprovado por vários órgãos) e da necessidade de “cortar privilégios”.

Ainda que tenham muitas dúvidas, trabalham para a votação acontecer no dia 19 ou 20 de fevereiro.

### **AS DIREÇÕES CUMPREM UM PÉSSIMO PAPEL**

Mesmo com essa ofensiva por parte do governo, da burguesia e do Judiciário as direções do movimento (CUT, Força Sindical e outras) nada fazem de concreto para organizar uma grande luta contra essa Reforma. Até agora, começo de fevereiro, o que tem é o chamado para um “dia nacional de lutas” na data prevista para a votação. Mas, nem mesmo isso tem sido organizado nos locais

de trabalho, na base. Apenas em Santa Catarina aconteceu uma Plenária Popular Contra a Reforma da Previdência com a participação unitária das Centrais Sindicais.

Não são “só traições”. Essas direções estão longe de estarem ao lado dos trabalhadores e são dominadas por setores pelegos. Além de burocratizadas estão completamente comprometidas com esse gerenciamento do capital e do Estado burguês.

Em essência fazem de tudo para manter o movimento sobre controle e assim dar a sua contribuição para que se governe e para que se sustente a política do regime democrático burguês.

Essa é a razão de terem feito de tudo para impedir o aumento, a massificação e unificação das lutas. E boicotaram vários chamados à Greve Geral até mesmo desviando as lutas para interesses eleitorais.

### **CONSTRUIR UMA RESISTÊNCIA DE VERDADE!**

Durante todo o ano de 2017 muitas tentativas e lutas foram feitas para barrar os ataques contra a classe trabalhadora, como as mobilizações de março, a Greve Geral de abril e a Marcha à Brasília. Neste ano a resistência segue com a luta contra o aumento da tarifa do transporte coletivo, a Greve de Metroviários/SP contra a privatização de duas linhas do Metrô e a luta por moradia com suas ocupações.

No entanto, as centrais – que



buscam esconder a intenção de não mobilizar – dizem “se votar, vamos parar”. Isso é perigoso, pois só vamos parar depois de votar? Depois de o governo e os patrões já terem tido a vitória?

As mobilizações do ano passado e a Greve Geral de abril foram decisivas para impedir, naquele momento, governo de aprovar a Reforma da Previdência. Com essas ações a maioria esmagadora da população se convenceu de que são reformas que destroem nossos direitos e se criou um grande movimento popular contra essa Reforma.

As mobilizações impuseram essa derrota ao governo, que sequer conseguiu juntar sua tropa para a votação. Isso demonstra que precisamos agir e que o **movimento deve ser antes da votação e não depois.**

Uma Greve Geral de fato é ferramenta fundamental nessa luta, mas ainda é pouco pelo tamanho da unidade da burguesia e do governo para imporem essa Reforma. Esse processo passa também pela construção da unidade entre os diversos setores da classe trabalhadora, pela construção de organismos de base para a luta e de um plano de luta que envolva mobilizações nos locais de trabalho, estudo, moradia e manifestações dentre outras atividades que desemboquem na Greve Geral.

### **O JUDICIÁRIO**

Já denunciamos aqui muitas vezes que o Judiciário é mais uma instituição de dominação da burguesia contra a classe trabalhadora. Toda a sua estrutura verticalizada é para que nenhum “deslize” de juízes de primeira instância possa favorecer os pobres.

Rafael Braga é o maior exemplo. Foi condenado a 11 anos por portar 0,6 gramas de maconha e

9,6 gramas de cocaína, enquanto envolvidos e pessoas próximas a Aécio e o senador Perrela na apreensão de 400 quilos de cocaína estão todos soltos. Ou ainda o filho da desembargadora do Mato Grosso do Sul, preso com mais de 130 quilos de maconha e armas, continua solto.

No último período, como já dissemos, o Judiciário tem se fortalecido em especial com a Operação Lava Jato. Aos olhos de uma boa parte da população parece (mas não é) que está combatendo a corrupção e as injustiças. No entanto, mesmo da lista da Lava Jato, a maioria está em suas luxuosas casas ou mesmo cumprindo mandato: Os Odebrecht, Aécio, Alckmin, etc.

Com isso passou também a ter uma maior intervenção no plano político. As decisões, questionadas juridicamente, representam cada vez mais um posicionamento político desse órgão diante da situação política. O apoio às medidas econômicas do governo, a chancela para o prosseguimento do impeachment, os posicionamentos políticos públicos são a demonstração do espaço que procuram ocupar.

Por isso, precisamos intensificar também a denúncia do Judiciário e do Congresso Nacional como instrumentos de poder da classe dominante. E intensificar a denúncia da criminalização dos movimentos sociais – que não é algo recente e vem crescendo desde Junho de 2013, especialmente desde a aprovação da Lei de Garantia da Ordem (LGO) ou lei contra o terrorismo, durante o governo Dilma.



### **O DEBATE ELEITORAL...**

No nosso modo de ver a prioridade, nesse momento, deve ser contribuir com a construção da luta contra a Reforma da Previdência. Mas, infelizmente até mesmo setores da esquerda, entraram nesse debate e atividades eleitorais têm tido mais espaço na agenda do que o trabalho junto à classe trabalhadora.

No plano eleitoral a burguesia ainda não conseguiu encontrar um nome que a unifique nacionalmente. Os candidatos para isso são muitos: Alckmin, Luciano Huck, Bolsonaro, entre outros. E até mesmo Lula e o PT já acenaram várias vezes para um governo a favor do mercado.

Nesse momento, a burguesia entende que Lula já cumpriu seu papel como serviçal da classe dominante, por isso deve ser uma carta fora do baralho. Essa é a razão de fundo, no mês passado, de sua condenação por unanimidade na Segunda Instância da Justiça burguesa, jogando-o contra a parede.

Em relação ao debate na esquerda, entendemos que ficar no nome de qual dever ser o candidato é bastante equivocado. Num momento de crise econômica e suas duras consequências, a esquerda necessita se debruçar sobre qual o programa da classe trabalhadora para sair da crise. E só a partir daí discutir nome/partidos/frente, etc.

Sem dúvida, no processo

eleitoral a esquerda deve ter um posicionamento, mas deve se diferenciar como alternativa sob pena de cair no mesmo descrédito dos políticos tradicionais.

## A ESQUERDA COMO ALTERNATIVA

Vivemos em momento de ataques. Por conta do agravamento da crise econômica a burguesia não quer conceder nem mesmo pequenas migalhas.

Essa compreensão é importante porque ainda há muitos setores organizados que vendem a ilusão de que basta um governo ou um gestor diferente que os problemas são solucionados.

A esquerda se apresentar como alternativa não é ter sucesso eleitoral. Eleger uma bancada que não tenha acordo com os ataques do capital, de fato, pode ser importante, mas isso não pode ser apresentado como a



única alternativa programática radical aos problemas que a classe trabalhadora e os pobres enfrentam. Precisamos dialogar com o conjunto dos trabalhadores para avançarmos nas lutas visando romper com a ordem vigente para construirmos a alternativa socialista ideológica e de classe.

É nesse sentido que defendemos a construção de um movimento político dos trabalhadores, contra o capital,

o seu Estado e pela revolução socialista. A construção de espaços políticos de organização da classe trabalhadora, em seus locais de trabalho, estudos e moradia.

Para nós, é fundamental contribuirmos com a classe trabalhadora para o desenvolvimento da consciência socialista, a fim de que se coloque como sujeito político e social na realidade política nacional. Mãos à obra!

## CHACINA DE CAJAZEIRAS (CE): A INDIFERENÇA DO ESTADO FRENTE A MORTES DE POBRES E NEGROS

No dia 27 de janeiro de 2018 ocorreu no bairro de Cajazeiras, periferia de Fortaleza (CE), a maior chacina do estado. Durante a madrugada um grupo fortemente armado entrou no clube “Forró do Gago” atirando e matou 14 pessoas, com mais 4 mortes posteriores ocorridas no hospital devido aos disparos. A polícia diz que houve guerra entre facções, fato corroborado com um confronto entre detentos na cadeia de Itapajé (CE) onde ocorreram mais 10 mortes. Infelizmente, apesar de ser a maior chacina, não foi a única, nos últimos dois anos há pelo menos, registro de mais 6 outras chacinas ocorridas no Ceará.

O Estado cearense é hoje, segundo o Mapa da Violência 2016, o segundo estado mais perigoso do Brasil, com um

aumento de 314% de assassinatos por arma de fogo em 10 anos. Só na capital, Fortaleza, o aumento foi de 380,1%, saltando de 422 mortes em 2004 para 2026 em 2014! É inclusive campeã quando se trata de crescimento de assassinatos por 100 mil habitantes!

Em contrapartida, vemos como o aumento da violência está relacionado à falta de educação, saúde, cultura e lazer para a juventude. Em Fortaleza, segundo o relatório “Trajetórias Interrompidas” da Assembleia Legislativa do Ceará, que pesquisou jovens assassinados com idade entre 12 a 18 anos, cerca de 85% dos jovens assassinados não concluíram o Ensino Fundamental, a pesquisa constatou que 61,7% já fez uso de maconha e 41,7% de álcool, mas segundo psicólogo entrevistado: “No CAPS AD

(Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas), direcionado ao público adulto, geralmente, não chega jovem”. Já em relação aos projetos sociais, mais de 50% nunca esteve envolvido com nenhum deles. Porém somente 4 nunca haviam trabalhado, o restante já começou desde cedo alguma atividade remunerada, a grande maioria informal. A fragilidade se mostra ainda no seu sistema que deveria cumprir o papel de educação e reinserção social, em que verificamos que 46% desses jovens assassinados já participou de alguma medida socioeducativa.

Dessa forma, constatamos que o Estado mais uma vez legítima o seu papel de agente da burguesia, exterminando a população mais vulnerável e que não é nem necessária como seu exército de reserva, e por isso,

continua praticando o genocídio da juventude pobre e preta nas periferias do Brasil, como em Cajazeiras em Fortaleza. O descaso, é visto até pela mídia, que não promove a mesma comoção social de tragédias, quando a vítima são pessoas pobre e negras, pois estas não merecem sua atenção. E assim, se usando de todos os seus instrumentos, o grande Capital legitima a criminalização, exclusão e execução da pobreza, tratando esses casos como somente crimes

de facções, como se o próprio crime organizado já não fosse fruto do próprio sistema, que organiza a população mais pauperizada a tais práticas, como única saída para a sua sobrevivência.

É necessário dar um basta a violência contra os trabalhadores! Precisamos nos organizar e enfrentar cada ataque que torna nossa vida cada vez mais miserável! A luta contra a Reforma da Previdência é um importante passo para isso! Por precisamos

derrubá-la antes que o sistema derrube a gente!

▶ Contra o extermínio da população jovem, pobre e preta!

▶ Pelo fim de todo aparato estatal que legitima essas morte! Pelo fim da Polícia Militar!

▶ Pela organização de trabalhadores na luta pelos seus direitos!

▶ Por condições de vida adequadas à todos os trabalhadores!

▶ Pelo socialismo!

## CONTRA O AUMENTO DA TARIFA, O TRANSPORTE TEM QUE SER PÚBLICO

O transporte público e a mobilidade urbana são problemas bastante recorrentes nos países periféricos do capitalismo - como é o caso do Brasil (como tratamos aqui - [espacosocialista.org/portal/2014/06/jornal-69-junhojulho-de-2014/#titulo4](http://espacosocialista.org/portal/2014/06/jornal-69-junhojulho-de-2014/#titulo4) -).

Isso ocorre devido ao caos urbano e a lógica irracional do capital de distâncias exorbitantes entre a nossa casa e o nosso local de trabalho ou entre a nossa casa e o nosso local de estudo. Assim, esse serviço se torna algo essencial para a juventude pobre e para a classe trabalhadora, ou seja, para aqueles que necessitam diariamente do transporte coletivo público para se locomover pela cidade.

Para o Estado e para os donos das empresas de transporte coletivo, seja de ônibus, de transportes sobre trilhos ou até mesmo aquaviários, as pessoas transportadas são como mercadorias, portanto, quanto mais pessoas, quanto mais mercadorias, transportarem dentro de um mesmo veículo e espaço de tempo, maior o lucro.

Cada catraca rodada significa mais dinheiro no bolso do patrão e, conseqüentemente, menos no

nosso bolso. Para eles, quanto mais o ônibus estiver lotado, melhor, é mais lucro, mais catraca girada e mais tarifa paga. Nas grandes cidades, metrópoles e megalópoles isso fica bastante claro.

Os transportes funcionam apenas de dia com o objetivo de levar a maioria dos trabalhadores para venderem sua força de trabalho nas empresas. À noite, quando a maioria das empresas estão fechadas, os transportes coletivos também fecham. Assim, quem precisa pegar um ônibus ou qualquer outro tipo de transporte coletivo à noite tem que esperar o dia amanhecer para poder ir onde quiser. Para o capital, só importa garantir o transporte da maioria das pessoas para os seus locais de trabalho, para se divertirem não.

### A JUVENTUDE PRECISA DE CATRACA LIVRE

Para a juventude da periferia, que muitas vezes não trabalha e nem estuda, seja porque não consegue entrar ou pagar uma universidade, seja porque foi demitido do último emprego, isso é ainda mais grave.



Vivem num regime de apartheid e segregação total. Simplesmente não podem sair da periferia porque não tem grana para pagar a tarifa. Só podem ir ao centro da cidade para procurar trabalho ou para trabalhar. E quando procuram uma forma de diversão na periferia são reprimidos pela polícia.

Na crise que vivemos, com milhões e milhões de desempregados, praticamente 1 a cada 4 brasileiro, nem mesmo quem está procurando emprego tem um desconto, pelo contrário, muitas vezes não podem ir sequer entregar currículo porque não tem o dinheiro da passagem.

Quase todo ano vemos os governantes reajustando as tarifas

dos transportes e aumentando, cada vez mais, a quantidade de pessoas que não podem pagar pela tarifa.

Para se ter ideia de como a tarifa é excludente, segundo uma pesquisa da Rede Nossa São Paulo divulgada em 2017, por conta do preço da tarifa, 52% das pessoas já deixaram de visitar a família, 48% já deixaram de ir ao médico e 28% já deixaram de ir à escola.

Em 2013 ocorreram vários protestos pelo país, com participação ativa da juventude e, pela primeira vez, conseguimos barrar o aumento das passagens em mais de 50 cidades. Isso aconteceu porque as manifestações foram grandes e ocorreram em todos os cantos do país. Depois disso conquistamos o passe estudantil em algumas cidades, mas a cada ano tem sido mais difícil avançar na luta devido à crise, aos ajustes e aos cortes de direitos.

Os poucos serviços públicos, como o Metrô, estão sendo sucateados, privatizados e vendidos a preço de banana. O passe estudantil tem sido cada vez mais

restrito. Até mesmo os idosos com mais de 60 anos estão perdendo o direito de pegar o busão de graça. A tarifa aumenta, linhas são cortadas e os ônibus permanecem a mesma coisa.

Tudo isso ocorre sem um grande movimento de resistência por parte da população, ficando fácil para os patrões e governantes fazerem o que quiserem. Parece aquela música Admirável Gado Novo:

Ê, ô, ô, vida de gado

Povo marcado, ê!

Povo feliz

Mas nós sabemos que lá no fundo nenhum trabalhador que pega o transporte coletivo lotado e precário todos os dias aceita essa condição a que somos submetidos.

Por isso, se quisermos manter o mínimo de direitos que conquistamos e avançar ainda mais, por um transporte público, gratuito, de qualidade e controlado pelos trabalhadores (inclusive com a definição dos itinerários, etc.), devemos nos organizar e lutar contra todas essas medidas que nos atacam. Defendemos o transporte

realmente público, em que não seja o lucro que determine itinerários, valor de passagem e condição de uso, defendemos um sistema de transporte coletivo sob controle dos trabalhadores.

Existem várias formas de resistência, que vão desde a não facilitação do troco e os catrações (pular a catraca), às grandes manifestações contra a tarifa e contra a mercantilização do transporte e das nossas vidas! O transporte não pode ser um meio de realização de lucros pelos capitalistas.

Também é importante participar dos comitês e coletivos que organizam as lutas contra o aumento, pela redução das tarifas rumo a tarifa zero e pelo passe livre irrestrito para jovens e desempregados, sempre visando a unificação das lutas num movimento político dos trabalhadores, o que só pode ocorrer através da unidade dos trabalhadores dos transportes com os demais trabalhadores e estudantes mobilizados.

## É O AUMENTO DA TARIFA DO TRANSPORTE SE ESPALHA PELO PAÍS

O aumento na tarifa do transporte público, já em 2018, se espalhou como mais um ataque da patronal contra a classe trabalhadora em várias cidades brasileiras: Em Maceió não foi diferente e não ocorreu por acaso, dado que o contrato de licitação das empresas de ônibus com a prefeitura prevê o aumento anual da tarifa.

Desconsiderando esse aumento de 3% do contrato de licitação, o Sinturb (Sindicato das Empresas de Transporte Urbano de Passageiros de Maceió) pediu o aumento de 15% no início de janeiro, o que representa o aumento do valor atual de R\$ 3,50

para R\$ 4,02.

Pesa no bolso termos em Maceió uma das tarifas mais caras da região Nordeste – R\$ 3,70 Salvador, R\$ 3,20 Fortaleza, R\$ 3,10 São Luís, R\$ 3,55 João Pessoa, R\$ 3,60 Teresina, R\$ 3,35 Natal, R\$ 3,50 Aracajú e R\$ 4,40 (anel B).

O que, de fato, justifica esse aumento no valor da passagem de ônibus? Dentre outros motivos, os capitalistas alegam que o transporte complementar “sequestra os passageiros” dos ônibus. Na briga pelo monopólio da locomoção urbana, culpabilizam os taxistas, os motoristas de Uber (e de outros



apps), mototaxistas, as vans e demais tipos de transporte complementar considerados clandestinos.

Mas, não é verdade que a responsabilidade pelo acréscimo da tarifa seja de tais trabalhadores. Também não é verdade que o projeto “Domingo é meia” (meia tarifa aos domingos) e a tarifa estudantil quebrem o caixa das empresas. Trata-se de um argumento, ironicamente contraditório ao discurso da “livre concorrência”, conveniente ao único propósito de qualquer

capitalista: a manutenção da taxa de lucro da empresa.

Além do mais, esses empresários dizem que o Estado não oferece nenhuma política de subsídio para aquisição do óleo diesel. As únicas intervenções estatais que reconhecem como necessária na sociedade são as que beneficiam a classe social a qual pertencem. Assim tem girado a engrenagem.

### **VIVER ESTÁ MUITO CARO!**

Mesmo quando não há aumento dos custos operacionais do sistema de transporte, o contrato dos capitalistas com o poder público permite o aumento periódico da passagem baseado apenas no índice da inflação. Para eles, pouco importa se o desmoralizado governo Temer promoveu o menor aumento no salário mínimo dos últimos anos (como já dissemos, o reajuste em 2018, de apenas R\$ 17,00 é o menor em 24 anos.)

De tal modo, é fácil ou não para o empresariado culpabilizar até os desempregados que para garantir um trocado no bolso, por exemplo, dão carona e cobram pela viagem? A situação está invertida ou não, segundo a lógica dos capitalistas?

O encarecimento da vida é notável no cotidiano do trabalhador. Em Maceió, o custo da cesta básica estava em R\$ 349,40 (Dez, 2017), segundo recente levantamento do Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos). Dessa forma, como nós, trabalhadores,

poderemos pagar uma tarifa tão cara (valor atual de R\$ 7,00 numa viagem de ida e volta), fazer feira e ainda pagar impostos básicos como água, luz e gás?

### **AS CONDIÇÕES DO TRANSPORTE PÚBLICO NESTA CAPITAL**

Maceió não tem projeto de mobilidade urbana para toda a cidade. Os bairros da periferia sofrem com vias não pavimentadas e a falta de ciclovias contribui no aumento do número de mortes por atropelamento diariamente.

Há também o engarrafamento nas principais avenidas da cidade. Faltam pistas para a grande quantidade de veículos no tráfego e apesar da tarifa do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) custar R\$ 0,50, as linhas não cobrem grande parte de Maceió. É preciso ainda citar a violência urbana a que estão sujeitos passageiros e funcionários dos transportes públicos.

Ademais, todo mundo sabe que os coletivos são superlotados. Não podemos aceitar que vivamos como sardinhas apertadas dentro dos ônibus. Aqueles que trabalham na região do centro e que fazem o trajeto de ida e volta para os bairros da periferia, espremem-se nos terminais rodoviários e dentro dos veículos.

Isto faz cair por terra a tese dos empresários de que está havendo uma diminuição de passageiros. Como está diminuindo se o povo até precisa sentar no chão do



coletivo, enquanto muitos passam mal com falta de ar? Não devemos acreditar nas afirmações do sindicato dos patrões! Empresários e prefeito não passam por esse sufoco, não utilizam ônibus.

### **PRECISAMOS CONSTRUIR FÓRUMS PERMANENTES PELA MOBILIDADE URBANA!**

Precisamos construir Comitês permanentes para organizarmos ações e manifestações que tenham como pauta a questão da mobilidade urbana. É necessário que o movimento contra o aumento da tarifa se fortaleça! Podemos exigir as planilhas de gastos e de faturamento das empresas para demonstrarmos o quanto somente querem lucrar, lutar para que o transporte seja realmente público e conquistar o impedimento do aumento da tarifa, rumo à tarifa zero e pelo passe livre irrestrito para jovens e desempregados.

A articulação de Comitês nos bairros pode ser uma boa maneira para nos unir, para pensarmos em ações de mobilizações. Precisamos nos juntar e nos articular com as lutas que estão ocorrendo nos outros estados e cidades, visto que o aumento das tarifas acontece sistematicamente todos os anos.

## **MULHERES: OS DOIS LADOS DE UM MESMO EPISÓDIO**

No início do mês de janeiro ocorreu nos EUA a premiação do Globo de Ouro entregue todo ano, desde 1944, às e aos melhores do Cinema e da Televisão, segundo Hollywood.

Conquanto, nessa edição, o

ato das atrizes em usar o “vestido preto em protesto” chamou-nos a atenção, já que expressava parte da mobilização que vinha ocorrendo nas redes sociais com a #MeToo ao denunciar casos de assédio sexual e estupro – também sofridos

por várias atrizes – sem poupar famosos, diretores e produtores hollywoodianos.

Fato é que ao nos depararmos com uma situação como essa – em pleno governo Trump, em momento de avanço das ideias

de extrema-direita, em meio ao chamado “glamour de Hollywood” com toda a sua história de Cinema – ficamos surpreendidos positivamente com o tipo de denúncia.

Esse tipo de violência contra a mulher tem sido silenciado, banalizado e desacreditado historicamente também nos EUA, país que registra cerca de 800 casos por dia, ou seja, 293 mil por ano (A ONG Rede Nacional Estupro, Abuso e Incesto - Rape, Abuse e Incesto Nacional Network - Rainn).

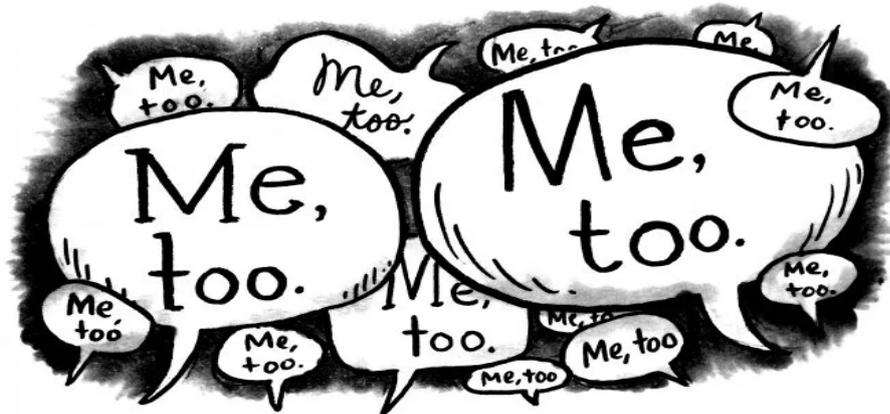
### #METOO E AS DENÚNCIAS DE ESTUPRO E ASSÉDIO

No entanto, é sempre difícil observarmos episódios como este de protesto e no universo de Hollywood sem considerarmos, ao menos, dois lados.

Por um lado, ressaltamos a importância dessas protagonistas do Cinema e da TV pelo fato de terem se fortalecido, rompido o silêncio, terem feito a denúncia e terem exposto os agressores (verdadeiro caso coletivo de escracho virtual), assumindo o papel das mulheres que no cotidiano carregam o peso do viver reprimido, incentivando assim a reação de outras. Certamente contarão ainda com represálias.

Ressaltamos também o forte discurso da apresentadora Oprah Winfrey que, além de fortalecer as atrizes vítimas de abuso, extrapolou Los Angeles, adentrou lares EUA à fora e contribuiu para ampliar a exposição do machismo muito crescente em momentos de retrocessos. Possibilitando, ainda, alcançar um número bem maior de pessoas, especialmente de mulheres e meninas abusadas sexualmente.

Ressaltamos ainda o papel antagonista da atriz francesa Catherine Deneuve ao construir com um grupo e publicar na



imprensa francesa uma Carta de crítica ao “Movimento #MeToo”. Considerou-o como algo que favorece exatamente os extremistas religiosos, os inimigos da liberdade sexual e a repressão à livre expressão. E, ao mesmo tempo, insistiu no “direito dos homens de importunar” e na necessidade de as mulheres “deixarem os homens em paz”.

A Carta teve repercussão e favoreceu até mesmo o retorno do velho discurso machista da possibilidade de se “ter um orgasmo durante um estupro”.

As denúncias de estupro e de abuso por pessoas famosas, do Cinema e da TV, atingiram muito rapidamente o universo das pensadoras de universidades e já conta com uma avaliação como a da Historiadora Michelle Perrot que, em meio à polêmica entre os dois movimentos, critica a falta de solidariedade do “grupo da Carta” com o “Movimento #MeToo”.

E chamou a atenção de que este movimento é “um evento de escopo social, geográfico e geracional. Um evento de fala onde se diz sobre um sofrimento por muito tempo morto, reprimido, uma humilhação dissimulada.”

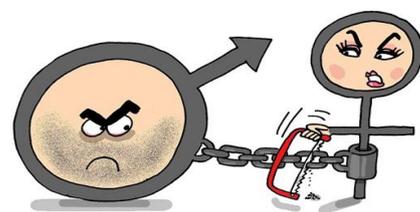
### O PAPEL DO FEMINISMO LIBERAL

Após estas ressalvas, consideramos também como parte desse episódio a busca de fortalecimento e de crescimento do feminismo liberal.

São grandes atrizes denunciando assédio sexual e o estupro no local de trabalho, fazendo coro com várias outras artistas e também com uma grande quantidade de mulheres. E aqui, entendemos que são muito mais críticas em relação ao grupo francês, pois além de estabelecerem a linha divisória entre cantada e assédio sobrepõem ainda a questão de esse tipo de violência ocorrer em local de trabalho e cobram publicamente o “respeito” e o reconhecimento ao mérito profissional.

Coerentes com seu tipo de ativismo e diferentes do “grupo da Carta” – aproveitam-se da audiência da noite do Globo de Ouro, de sua premiação, dos premiados e do protesto polêmico – doam seus “vestidos pretos” de marcas famosas para um grande leilão organizado por empresas como Condé Nast (liderança na mídia de massa), Ebay (empresa de eletrônicos) e Vogue (moda).

Em parceria com empresárias de vários ramos, essas atrizes e artistas, coordenam ou fortalecem mobilizações como essas para o projeto Time’s Up, que arrecada dinheiro para ajudar vítimas de abuso, que não têm poder aquisitivo para se defender na





Justiça, por todo os EUA a fim de aproveitar o “lado sedutor da moda para o ativismo” e arrecadar para o projeto.

Assim, se torna compreensível e podemos observar o caminho percorrido por esse movimento feminista que – ao acompanhar o aumento das denúncias de assédio sexual e estupro, inclusive, entre pessoas que são referenciais de comportamento e beleza hollywoodianos e ao buscar reagir ao avanço das ideias de extrema-direita – ultrapassa algumas fronteiras ao buscar questionar certos limites da arte, da criação, da suposta liberdade sexual, etc. e une ativismo, mundo da moda e grandes empresas.

Com isso, demonstra e tenta fortalecer a indignação, nesse caso contra o machismo, o que nem é feito minimamente pelo “grupo da Carta”. Este além de enaltecer diretores e produtores envolvidos nas denúncias, contribui para o questionamento e o enfraquecimento das denunciadas.

E em nenhum dos casos há um questionamento ou a busca de uma ruptura com a própria estrutura patriarcal capitalista – a mesma que permite milhares de mulheres continuarem sendo estupradas, mortas e exploradas por todo o país e por todo o mundo, vítimas dessa exploração e dessa opressão que as obrigam ainda a se defender na Justiça.

As ativistas do feminismo liberal insistem firmemente em

humanizar esse sistema do capital, patriarcal, machista com projetos e ações como estas que não buscam, de fato, resolver o problema cabendo a cada mulher não querer e não aceitar o assédio.

### **MULHER COMO VÍTIMA E COMO RESPONSÁVEL**

Por outro lado, essa importante luta dos movimentos contra as opressões, que está sendo organizada pelo movimento feminista liberal por iniciativa de artistas e atrizes, necessita de fato de um enfrentamento sistemático e cotidiano e que envolva a totalidade das mulheres, especialmente, as mulheres da classe trabalhadora que são maioria na sociedade e a sofrer vítimas desses crimes.

No entanto, já é passado da hora do envolvimento de toda a classe trabalhadora. Os números das várias formas de violência contra a mulher há anos não são favoráveis.

O número de estupros e assassinatos não reduzem consideravelmente de um ano para o outro. Quem são esses estupradores e assassinos? Por que insistem em manter esse nível de violência? Por que o Estado não possibilita políticas públicas em todas as esferas e suficientes para estancar essa crueldade?

Perguntas sem respostas em que as consequências têm recaído sobre a mulher com todo o dever e toda a obrigação de se prevenir, de denunciar em órgãos

incompetentes e irresponsáveis, de buscar emergência para saúde, de lutar pela prevenção à gravidez do estupro, de lutar pelo aborto legal, em seguir vivendo.

Os números recentes confirmam que 98% dos homens que cometem o crime do estupro não são presos. Isto indica que a maioria das mulheres arca sozinha com as consequências e os estragos disso em sua vida, com problemas físicos, psicológicos e ainda com a possibilidade, em alguns países, da permissão da paternidade.

Além disso, confirmam também que as mulheres que sofrem com esses crimes são 13 vezes mais propensas a abusar do álcool e 26 vezes mais propensas a abusar das drogas.

Podendo ainda considerar que para a mulher trabalhadora tudo isso ainda está acompanhado dos problemas financeiros, ou seja, uma grande diferença com as mulheres da burguesia, grandes atrizes e artistas famosas.

Portanto, a mulher não pode continuar sendo vítima de crimes tão cruéis e ainda arcando com todas essas consequências enquanto boa parcela dos homens segue o caminho machista, silencia e “limpa a barra” para os amigos criminosos.

### **O BRASIL ENTRE O AVANÇO E O RETROCESSO**

No Brasil, o assédio já é crime sexual e a Lei 10224 deveria proteger o local de trabalho desde 2001. Não se pode constranger, molestar, intimidar, tentar favorecimento sexual pela condição hierárquica, etc. E para as mulheres, a diferença entre assédio e paquera está no respeito ao “não”. No entanto, 15% das mulheres já sofreram assédio no trabalho em pesquisa recente (Pesquisa Datafolha Nov/2017).

Nesse momento, já foi aprovado na Comissão Especial

a PEC 181/2015 que proíbe o aborto em qualquer circunstância, mesmo em caso previsto por lei como o estupro, que conta com cerca de 1400 casos por dia, ou seja, 527.000 por ano (IPEA 2015) – retrocedendo muito nessa importante conquista.

No entanto, ao observarmos os dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, divulgados em dez/2017, verificamos que apenas cerca de 17.500 homens estavam presos por estupro em 2016.

Portanto, há de se avançar no cumprimento das leis e também em todos os locais de trabalho. Há de se garantir condições para a denúncia (Delegacias da mulher, agilidade nos serviços e procedimentos necessários de emergência, prisão, casas-abrigo, segurança), segurança pública, Educação sexual, etc.

### **AS LUTAS DAS MULHERES E A CONQUISTA DE DIREITOS**

As lutas dos movimentos feministas que garantiram à mulher a conquista de importantes direitos foram realizadas das mais diversas

formas ao longo da história.

No entanto, não se pode esperar que o movimento feminista liberal se movimente no sentido de romper as correntes do sistema que explora e oprime, seria contraditório. Essa luta é do movimento feminista revolucionário, da mulher trabalhadora e do homem trabalhador, enquanto classe social, porque requer a luta contra o machismo, o patriarcado, todas as formas de opressão e contra a exploração e o capitalismo. O cinema, a TV, a poesia, a música, e arte de modo geral podem contribuir para fortalecer essa luta.

Fortalecer a luta até chegar o momento em que todas as mulheres oprimidas, assediadas, violentadas e humilhadas se levantem para pôr abaixo essa sociedade do capital, que desumaniza e necessita de todas essas formas de opressão, essa é a nossa tarefa para que tudo isso não seja apenas parte de uma história do Cinema.

Como já dissemos, num momento em que há uma ofensiva contra os direitos da classe trabalhadora e a piora das condições de vida – com o



aumento do desemprego, trabalho precarizado, cortes de programas assistenciais, aplicação de reformas e aumento da violência de gênero – é importante contarmos com as Marcha de Mulheres contra governos, Greve de Mulheres contra o Feminicídio, Greve Geral contra alteração na lei do aborto e de ações que incentivem a denúncia e o fim do silêncio contra o assédio sexual e o estupro. Sigamos em luta! Sigamos para a derrubada do patriarcado, do machismo e do capitalista!

## **REVOLUÇÃO RUSSA - O X CONGRESSO DO PARTIDO BOLCHEVIQUE (1921)**

**SÉRGIO LESSA**

O X Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da Rússia é um dos marcos do final do processo revolucionário aberto em fevereiro de 1917. Se, em 1917, o avanço do movimento de massas, muitas vezes espontâneo, foi o combustível que conduziu a revolução avante, se nos anos da Guerra Civil (1918-1920) o apoio dos trabalhadores, operários e mesmo camponeses foi decisivo para a derrota dos brancos, a partir de 1921 o desenvolvimento russo deixou de contar com esse impulso.

Pouco mais de três anos depois, abre-se a disputa entre os stalinistas e seus opositores no PC,

disputa que conduzirá ao período stalinista que associará um elevado desenvolvimento econômico e social com uma forte repressão política exercida pela burocracia estatal.

Por isso encerramos essa série de artigos sobre a Revolução Russa com o que ocorreu no X Congresso.

Frente à crise econômica do final da Guerra Civil, as revoltas camponesas e greves operárias, ante o crescimento da Oposição Operária e a eclosão da Revolta de Kronstadt, o X Congresso do PC(b)R tomou uma série de resoluções que jogaram importante

papel na evolução posterior da Rússia soviética.

No plano econômico, a medida mais importante adotada, já no final do X Congresso, é a decisão de se modificar a política econômica seguida até aquele momento, dando início à Nova Política Econômica (NEP). As decisões a esse respeito garantirão a liberdade de comércio de grãos, substituindo a política de requisição dos produtos agrícolas por um imposto em espécie, permitindo ao camponês comercializar o excedente. Outras medidas permitirão o funcionamento de pequenas oficinas e artesanatos

com o objetivo de inserir em alguma tarefa produtiva os milhares desempregados, melhorando sua situação, e ao mesmo tempo incentivando o comércio através do aumento da oferta de mercadorias.

São aprovados também as negociações feitas com os países capitalistas europeus para que estes invistam capitais na Rússia. Estes investimentos eram considerados indispensáveis para a retomada da economia soviética.

### **AS DECISÕES ORGANIZATIVAS**

No plano político, as divergências internas do partido serão tratadas com uma série de medidas repressivas.

A análise que Lênin apresenta ao X Congresso sobre as divergências que surgiram no interior do partido a respeito das medidas adotadas e a serem adotadas no futuro tendo em vista a organização da sociedade soviética começa por caracterizar a conjuntura política que vivia o poder soviético como muito instável e perigosa. “Em um país como a Rússia, o enorme predomínio do elemento pequeno-burguês e a devastação, o empobrecimento, as epidemias e a má colheita, a extrema agilização da miséria e as penúrias do povo como resultado inevitável da guerra, engendram flutuações do povo como resultado pronunciadas no estado de ânimo das massas pequeno-burguesas e semiproletárias. Estas flutuações tendem primeiro a fortalecer a aliança dessas massas com o proletariado, e logo a restaurar a burguesia. A experiência de todas as revoluções dos séculos XVIII, XIX e do século XX mostra com a maior clareza e evidência que o único resultado possível dessas flutuações - se debilita ao mínimo a unidade, a força e a influência da vanguarda revolucionária do proletariado - é a restauração



(ressurgimento) do poder e da propriedade dos capitalistas e proprietários de terras”. (Lenin, 1977, vol XII, 13-14)

Para Lênin, naquela conjuntura, o perigo de restauração da contrarrevolução se encontrava numa contrarrevolução pequeno burguesa, na qual as massas semiproletárias funcionariam como o primeiro estágio de uma contrarrevolução dos capitalistas e latifundiários. A única saída que possibilitaria uma vitória para o proletariado era a unidade máxima de sua vanguarda e o fortalecimento da influência da mesma.

Dessa perspectiva, portanto, a própria existência de divergências e da expressão orgânica dessas divergências - as frações - já eram um fato negativo em si.

Para Lênin, bem como para a maior parte dos bolcheviques, manter (ou aumentar) a influência do partido equivalia a não abrir mão do direito de nomear os principais dirigentes políticos e econômicos de cada localidade ou setor da economia em favor de um maior poder de influência das massas sobre o aparelho administrativo e econômico. Para os bolcheviques, a ditadura do proletariado era inconcebível se implicasse uma diminuição das prerrogativas e a redução do poder de fazer nomeações que o partido possuía.

Por essa razão, a exigência feita pela Oposição Operária, e também pelos revoltosos de Kronstadt, de que o processo de nomeações e cooptações fosse substituído pelo processo de eleições livres (com escrutínio secreto, acrescentaria Kronstadt) dos funcionários e dirigentes pelos próprios trabalhadores, era identificada como uma forma de enfraquecer a influência do partido e assim auxiliar a contrarrevolução burguesa a penetrar sorrateiramente revolução adentro.

Da mesma forma, a reivindicação de que o poder econômico fosse entregue a um Congresso dos Produtores de Toda a Rússia, era considerada um desvio anarcosindicalista (portanto, pequeno-burguês) pelas camadas dirigentes do partido bolchevique e como tal combatida em favor do aprofundamento das medidas tomadas no sentido de aumentar a centralização (a “eficiência”) dos organismos dirigentes. Era necessário acabar com os questionamentos da política seguida pelo CC. Lênin com a palavra:

*“Não seria de temer um pequeno desvio sindicalista, ou semi-anarquista. O partido adquiriria consciência dele com rapidez e decisão e poderia corrigi-lo. Mas se esse desvio está relacionado com o predomínio gigantesco*

*do campesinato no país, se este campesinato está mais descontente a cada dia com a ditadura do proletariado, se a crise da propriedade camponesa está chegando ao extremo (.) não é este o momento de dizer claramente: não permitiremos debates sobre desvios, tem-se que por fim a isso. O Congresso do partido pode e deve fazê-lo, deve tirar daqui as lições pertinentes e agregá-las ao informe político do CC, respaldá-las, referendá-las e convertê-las numa obrigação, em uma lei para o partido. O ambiente de discussão se vai fazendo perigoso, em alto grau, se vai convertendo em uma ameaça direta à ditadura do proletariado. (Lenin, 1977, vol XII, 15)*

Ao mesmo tempo, Lênin, para combater as ideias da Oposição Operária e depois de Kronstadt, afirma que a ameaça de contrarrevolução pequeno-burguesa que pesa sobre a Rússia é mais ameaçadora do que as forças recém derrotadas na Guerra Civil. Os pequeno-burgueses querem entrar no PC da Rússia e impulsionar de um ou de outro modo a contrarrevolução, entregando o poder à tendência política mais propensa a aparentar que reconhece o Poder soviético. Esta propaganda deveria também explicar a experiência das revoluções anteriores, "quando a contrarrevolução apoiava os grupos oposicionistas mais próximos ao partido revolucionário

extremo, para fazer vacilar e derrubar a ditadura revolucionária, abrindo com ele o caminho para a posterior vitória completa da contrarrevolução dos capitalistas e dos latifundiários".

**O ponto 4** começa a estabelecer as novas bases dentro das quais deverá acontecer a luta de opiniões no interior do partido. "Há que organizar a crítica absolutamente necessária dos defeitos do partido de modo que toda proposta prática se exponha com a maior claridade possível e seja submetida, no ato, sem papelaria alguma, ao exame e decisão dos organismos dirigentes locais e do organismo central do partido". Ou, em outras palavras, a crítica "necessária" deveria ser feita diretamente aos organismos dirigentes locais e centrais, e não mais aos organismos de base ou célula ao qual o militante pertence. Além disso, as críticas deveriam levar em consideração a "situação do partido entre os inimigos que o rodeiam", de modo a que não adquira formas "capazes de favorecer os inimigos de classe do proletariado". Quais são essas formas, e quem deveria julgar se a forma que uma crítica eventual assumisse estaria auxiliando ou não a contrarrevolução não é explicitado.

Continua o ponto 4: "Toda análise de pauta geral do partido, ou a apreciação de sua experiência prática, a comprovação do cumprimento dos acordos do

mesmo, o estudo dos métodos para corrigir os erros de modo algum devem ser submetidos à discussão prévia dos grupos que se formam com qualquer "plataforma", etc, senão que devem ser submetidos exclusivamente à discussão direta de todos os membros do Partido". Ou seja, toda a discussão prévia sobre os pontos essenciais da vida partidária em grupo era proibida; toda crítica deveria ser enviada aos órgãos dirigentes locais, ou centrais, os quais a resolução não obriga a remetê-las ao conhecimento do resto do partido.

**O ponto 5** aponta a necessidade de se continuar a luta contra a burocracia e a necessidade de depuração do partido dos "elementos não proletários e inseguros", como havia apontado a Oposição Operária. Neste mesmo ponto, o Congresso rejeita o "desvio sindicalista e anarquista" do "grupo da chamada Oposição Operária".

**Ponto 6:** "Pelas razões expostas, o Congresso declara dissolvidos e prescreve dissolver imediatamente todos os grupos, sem exceção, que se tenham formado com tal ou qual plataforma (a saber: "Oposição Operária", "Centralismo Democrático", etc). O não cumprimento deste acordo do Congresso acarretará a imediata e incondicional expulsão do partido".

Sem dúvida alguma, este ponto da resolução é o ponto que maior tem causado a maior controvérsia nas análises que são feitas das resoluções adotadas pelo partido bolchevique nesta fase de sua história. Apesar de Lênin, numa resposta a Riazánov, afirmar que "não podemos privar o partido e os membros do CC do direito de apelar ao partido em caso de discrepâncias fundamentais", na prática de um partido regido pelo centralismo democrático, a proibição das



frações equivale exatamente a isso. Na história desses partidos, toda luta interna sempre se desenvolveu através da formação de frações (declaradas ou não), onde os elementos de opiniões semelhantes se aproximam com o objetivo de lutar para que seu ponto de vista prevaleça em todo o partido.

A trajetória política de Lênin, na construção do partido bolchevique é um exemplo vivo disso. Inúmeras foram as ocasiões em que ele organizou parcelas do partido para agir contra as decisões adotadas pelos órgãos dirigentes (não só do CC, como também contra resoluções do próprio Congresso do Partido, antes de 1917). Estas restrições, somadas àquelas adotadas pelo IX Congresso do Partido, no ano anterior, de que a crítica somente poderia ser feita, depois de cumprida a resolução, fazem com que a crítica aos órgãos dirigentes se torne cada vez mais rara.

Além disso, a proibição das frações aumenta ainda mais o desequilíbrio natural, que já existe numa estrutura regida pelo centralismo democrático, em favor do CC em relação a todo o resto do partido. Numa estrutura centralista democrática o CC é o único organismo partidário que possui acesso imediato e facilitado a todas as informações, no que diz respeito à vida interna do partido e à situação do país. Isto faz com que o grupo que forma o CC funcione como um grupo privilegiado no interior da estrutura partidária pelo nível de informações muito superior que possui sobre o resto do partido. Mas não só isso. Depois do X Congresso é o único grupo de militantes autorizados a discutir em grupo os assuntos em pauta, ao redor ou não de um documento prévio e desta forma é, na realidade, a única fração autorizada a funcionar no interior do partido.

A “resolução sobre a Unidade do Partido” faz aumentar ainda mais o peso do CC no interior do partido bolchevique àquela altura dos acontecimentos, afastando e dificultando ainda mais a influência da base do partido e da classe operária sobre os órgãos dirigentes.

**Ponto 7:** Com objetivo “de implantar uma severa disciplina no seio do partido e em todo o trabalho dos soviets ( . ) o Congresso concede ao Comitê Central, no caso que se infrinja a disciplina e ressurgir ou tolere o fracionismo, todas as sanções ao alcance do partido, inclusive a expulsão de suas fileiras ( . )”. Esta medida somente poderia ser aplicada se uma maioria de 2/3 da assembleia de todos os membros do CC mais a Comissão de Controle votasse por essa medida. Ou seja, se concede o direito ao CC de expulsar qualquer elemento do partido, inclusive membros eleitos no Congresso para o CC. A medida seria aplicada no ato e não seria possível de ser recurso ao congresso do partido, já que este mesmo havia concedido este direito ao CC. (Lenin, 1977, vol XII, 4- 29)

Esta foi a primeira vez que uma resolução do partido foi mantida secreta para os seus membros. O ponto 7 da resolução somente seria tornado público em 1924, depois da morte de Lênin, durante a XIII Conferência do PC(b)R no contexto da luta de Stalin contra

Trotsky. O direito de todos os membros do partido criticarem as resoluções do Congresso, direito sagrado no período anterior à Revolução de Outubro, passa a ser ainda mais limitado pelo precedente de um Congresso adotar resoluções secretas sobre seu funcionamento interno.

Na época de sua doença, Lênin pagará um alto preço a esse precedente. Seu testamento político, que recomendava a retirada de Stalin da Secretaria Geral do Partido, bem como desautorizava a política que a Rússia seguia em relação às pequenas nações do antigo império czarista, será mantido secreto de todo o partido até 1956. As consequências da resolução sobre o funcionamento interno do partido para o posterior desenvolvimento da revolução russa não serão pequenas. A ameaça contrarrevolucionária pequeno-burguesa que Lênin aponta com tanta insistência em 1921, não era só um artifício para conseguir do Congresso a aprovação da “Resolução Sobre a Unidade do Partido”. Era uma realidade: a pressão que a massa camponesa e a pequena burguesia urbana exerciam sobre o partido e o Estado Soviético era enorme.

Esta pressão era fortalecida pelas posições que a pequena burguesia ocupava dentro do aparelho de Estado e do partido russo e as posições ocupadas por



dirigentes burgueses e técnicos burgueses nos organismos dirigentes da economia russa. Dessas posições, podiam realizar uma aplicação distorcida das medidas adotadas pelo partido ou por Lênin; podiam ainda nomear e transferir quadros do partido e do Estado russo para postos que favorecessem sua penetração política. Assim, o aparelho estatal e partidário vai se contaminando com um espírito pequeno-burguês de funcionamento, uma rotina que vai lembrando o antigo aparelho estatal czarista.

A análise que faz Charles Bettelheim desse processo acentua que todas as pessoas que, ocupavam postos de responsabilidade ou subalternos no aparelho estatal ou do partido bolchevique e que trabalhavam de forma a reforçar as relações ideológicas e as práticas burguesas no interior desses aparelhos eram aliados objetivos das massas camponesas e pequeno-burguesas. Com isso, exercendo enorme pressão sobre o governo soviético, lutavam para extinguir os traços socialistas da revolução. Nesta conjuntura, a única força social que estava realmente interessada em modificar este quadro era a classe operária. Os camponeses e a pequena burguesia sentiam suas posições se fortalecerem cada vez mais com o passar do tempo no interior do Estado Soviético. Para essas camadas da sociedade, com o passar dos anos, a vida estava se “normalizando”. Descontente estava o proletariado, que assistia sua influência sobre o partido e o governo soviéticos diminuir a cada dia, entravado que estava pela atuação, no seu interior, dessa camada de pequenoburgueses e técnicos formados no czarismo.

A Oposição Operária e a Revolta de Kronstadt, bem como as greves operárias do inverno de 1920/21 são legítimas manifestações de

setores da classe operária contra este seu afastamento do poder de uma revolução do qual foi a principal protagonista.

Sem poder contar com a liderança do partido bolchevique para sistematizar e clarificar seus anseios, as massas operárias russas, sentido o peso de séculos de atraso, não conseguiram produzir uma plataforma política e econômica acabada capaz de se transformar numa alternativa à política implantada pelo governo bolchevique. E tiveram que contar para auxiliá-las nesse processo com elementos provenientes do anarquismo, notadamente daquelas correntes de esquerda do anarquismo que haviam conquistado o respeito das massas ao participar da revolução e da guerra civil. O vazio deixado pelo partido bolchevique junto à classe operária tinha que ser preenchido de alguma forma. E, em certa medida, o foi pelos anarquistas, que naqueles momentos exprimiam o profundo desejo das massas russas de que fossem respeitados os preceitos da democracia operária, tal como Lênin havia expressado em “O Estado e a Revolução”.

A atitude assumida pelos bolcheviques em relação a todas as oposições que surgiram no seu interior e principalmente em relação à Oposição Operária e à Revolta de Kronstadt, taxando-as pura e simplesmente de contrarrevolucionárias e de penetração da ideologia burguesa

no interior do partido, ao mesmo tempo em que respondia suas exigências de maior democracia com o aumento da centralização das decisões políticas, não poderia mais que afastar as massas operárias dos sindicatos, dos comitês de fábricas e do próprio partido. Com isso o partido perde a única base social de apoio que poderia contar para derrotar a penetração da pequena burguesia e da ideologia burguesa no seu interior via aparelho burocrático do Estado e do Partido.

A revolta de Kronstadt e a Oposição Operária talvez pudessem servir como pontos de apoio para a direção bolchevique iniciar uma violenta luta de massas contra a burocracia, pois, elas expressavam, ainda que de forma confusa e ideologicamente pouco estruturada, os anseios de maior participação tanto das bases partidárias como da classe operária na gestão do Estado.

Isto teria implicado numa profunda mudança da concepção sobre o relacionamento do partido e as massas que dominava os dirigentes bolcheviques. Teriam que ser abertos novamente os canais de participação política direta das massas trabalhadoras. A luta política no interior das organizações de democracia proletária deveria ser estimulada, principalmente a eleição dos dirigentes pelas bases.

No entanto, o universo ideológico bolchevique fazia inconcebível a concessão de um maior espaço de participação

---

**“A OPOSIÇÃO OPERÁRIA E A REVOLTA DE KRONSTADT, BEM COMO AS GREVES OPERÁRIAS DO INVERNO DE 1920/21 SÃO LEGÍTIMAS MANIFESTAÇÕES DE SETORES DA CLASSE OPERÁRIA CONTRA ESTE SEU AFASTAMENTO DO PODER DE UMA REVOLUÇÃO DO QUAL FOI A PRINCIPAL PROTAGONISTA.”**

---

política para as organizações de massa e para as bases do partido, num momento em que era necessário fazer grandes concessões ao campesinato e à pequena burguesia. Para Lênin, a única garantia de que a Revolução Russa não perderia seu caráter proletário estava, naquele momento, na concentração dos poderes de decisão nas mãos da velha guarda do partido.

Em 1922, Lênin diria no XI Congresso do partido: “O Estado não tem funcionado como esperávamos. E como vem funcionando? O veículo não obedece. Um homem está sentado ao volante e parece dirigi-lo, mas o veículo não segue a direção desejada, ele vai para onde o dirige uma outra força.” Segundo Charles Bettelheim, esta outra força é a dos capitalistas, dos especuladores e dos aparelhos administrativos que estão sob a influência da burguesia. (Bettelheim, 1976,264)

Ainda neste Congresso, Lênin afirmaria: “Se considerarmos Moscou - 4700 comunistas responsáveis - e a máquina burocrática, esta massa enorme, quem dirige, e quem é dirigido?” “Na verdade, não são eles (os comunistas) quem dirige. Eles é que são dirigidos”. (Bettelheim, 1976,265)

Em 1921 surge em Praga, organizado por um russo branco chamado Ustrialov, uma compilação de textos intitulados “Smiena Viekh” (Mudança de Direção). Para esse grupo de emigrados, partidários do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, a “revolução de Outubro teve o imenso mérito de fazer surgir e mobilizar os “adversários mais corajosos e impiedosos do antigo regime czarista apodrecido; eles (os bolcheviques) destroçaram os setores intelectuais apodrecidos da intelligentsia que só sabiam falar em Deus e no Diabo,

movimentaram as camadas populares”, de modo “que abriram o caminho à criação de uma nova burguesia”. Uma burguesia que, através de múltiplas provas, “fortaleceu sua vontade e seu caráter e agora entra em cena, mais jovem, mais enérgica, mais americana”.

“D e n u n c i a n d o a via traçada pelos Smenovekhoctsi, Bukharin mostra como a burguesia ”apoia” de maneira muito peculiar o poder soviético, “penetrando pouco a pouco nos poros do aparelho”, introduzindo aí seus elementos, transformando lentamente, mas com perseverança, as características do Estado Soviético.” Bukharin continua afirmando que, se não se detivesse essa penetração: “Chegaríamos a uma situação em que todas as declarações, o canto da Internacional, a forma soviética de governo seriam mantidos exteriormente, enquanto que o conteúdo interior de tudo isso já estaria transformado. Esse conteúdo corresponderia à expectativa, aos anseios, às esperanças e aos interesses dessa nova camada burguesa que cresce, constantemente e se torna cada vez mais forte, e que, por meio de mudanças lentas e orgânicas conseguiria modificar todas as características do Estado Soviético e colocá-lo, pouco a pouco, nos trilhos de uma política puramente capitalista. A antiga burguesia apodrecida, que vivia das esmolas do governo czarista seria então substituída, graças à Revolução Russa, por uma nova burguesia, que não recua diante de nada, que abre seu caminho sob o signo do nacionalismo para avançar no sentido de uma nova Rússia capitalista e burguesa, grande e poderosa”.



No final de sua vida, particularmente em 1923, em algumas ocasiões Lênin percebe a necessidade de se contar com as massas para derrotar esse enorme aparelho burocrático, infiltrado de burgueses, que estava esmagando a revolução russa. Chega mesmo a propor que fosse incluído um número de operários, saídos diretamente da fábrica, no CC, numa tentativa de aumentar a influência da classe operária sobre o governo russo. No entanto, depois de tantos anos de revolução, guerra civil e dificuldades para participar da direção do país (muitos deles colocados pelos próprios bolcheviques), a classe operária entra em profundo descenso e descrença de sua força. Seja pela razão que for, o fato é que ela não fornecerá a base social de apoio para que, depois de 1921, por longos anos surjam movimentos de massas trabalhadoras, no interior da Rússia soviética, dispostos a lutar até o fim contra a burocracia e por um Estado de fato controlado pelas massas operárias.

#### CONTATOS

[espacosocialista@hotmail.com](mailto:espacosocialista@hotmail.com)  
[facebook.com/espacosocialista1](https://www.facebook.com/espacosocialista1)  
[www.espacosocialista.org](http://www.espacosocialista.org)